

› Campo com a variedade Casal Vouga



## LEGUMINOSAS: APOSTAS E DESAFIOS

**Há diferentes empresas a trabalhar com leguminosas em Portugal. Apresentamos os dados de dois projectos na área da produção. Na vertente da transformação, referimos um caso em que a matéria-prima, pela especificidade, só se encontra fora do País.**

Carlos Afonso

**A** Agroinovação, com sede em Elvas, tem vindo a dedicar-se exclusivamente à produção e comercialização de leguminosas desde 2015. Inicialmente, trabalhava com grão-de-bico e com feijão frade, mas esta última cultura só foi produzida até 2019. A empresa abandonou a produção de feijão frade devido à «falta de estabilidade» da variedade que tinham e porque esta não atingiu os resultados expectáveis para a cultura, indica Diogo Carvalho, técnico de campo da Agroinovação. Actualmente, trabalham apenas com grão-de-bico, com duas variedades: Elvar e Viana.

A vertente da produção tem sido assegurada sobretudo através de contratos com cooperativas – «contratos tripartidos, entre nós, a cooperativa e o agricultor» –, existindo também «contratos individuais com agricultores que não estão associados a nenhuma cooperativa, mas são coisas menores, porque necessitamos das estruturas das cooperativas para arma-

zenamento e toda a logística envolvente da cultura», explica Diogo Carvalho. A empresa estabeleceu contratos com três entidades: Cersul – Agrupamento de Produtores de Cereais do Sul, Cooperativa Agrícola de Beja e Brinches e Cooperativa Agrícola de Beringel.

A Viana é uma variedade local, de Ervidel, que a Agroinovação submeteu ao Catálogo Nacional de Variedades e que «neste momento já está aprovada», estando a empresa a proceder à sua multiplicação. A variedade não era certificada, «mas tinha características muito interessantes», diz o engenheiro agrónomo, pelo que recolheram germoplasma, o qual foi depois sujeito a testes de germinação e a testes de estabilidade, a cargo da Direcção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), para poder entrar no Catálogo.

Em 2021, a empresa contou com uma área de produção de grão-de-bico entre 650 e 700 hectares, distribuída pelos



concelhos de Beja, Serpa, Ferreira do Alentejo, Évora, Elvas, Fronteira e Campo Maior. A Agroinovação já chegou a ter 1.200 hectares só desta cultura, mas tem registado uma redução gradual de área a cada ano, sendo que em 2020 a área rondou os 800, 900 hectares.

«Muitos agricultores têm feito outras opções, nomeadamente olival e amendoal, e essas duas culturas têm-nos “roubado” muita área, porque os valores praticados tanto no olival como no amendoal são bem mais altos», refere Diogo Carvalho, realçando que, ainda assim, a área desta campanha foi «assinável». A cultura é toda mecanizada, da sementeira à colheita, e é feita maioritariamente em sequeiro, podendo existir «regas estratégicas, para fazer com que a emergência seja toda uniforme» – caso se sinta «que vá valorizar ou que faça com que a cultura se desenvolva, faz-se uma rega, mas muito pequena».

A produção é entregue pelos agricultores nas cooperativas e armazenada em silos, sendo depois recolhida pela Agroinovação para processamento nas suas instalações, em Évora. A empresa possui uma máquina que limpa, calibra e ensaca e o grão é vendido para as indústrias ensacado, seco.

### **Mercado com «muita procura»**

A Elvar é normalmente semeada a partir de Janeiro e a Viana a partir do início de Março, sendo a colheita de ambas feita normalmente entre Junho e Julho. Este ano, o Verão mais fresco fez com que os últimos campos tenham sido ceifados em Agosto.

Na campanha de 2021, a Agroinovação registou uma produção de qualidade «excelente» e uma produção média geral à volta de 1.500, 1.600 quilos por hectare (kg/ha), tendo alguns produtores atingido 2.200, 2.300 kg/ha, enquanto que também houve campos que não deram mais do que 1.000 kg/ha. Diogo Carvalho considera a média «interessante», mas sublinha: «Estamos sempre a trabalhar para valores como os que atingimos em algumas zonas, de 2.000, 2.200 kg/ha». Salienta ainda que «tudo depende muito do solo e das condições em que a cultura se desenvolve» e que existe uma «grande variação» de produtividade nas leguminosas.

Na vertente fitossanitária, há a assinalar apenas os problemas «normais»: o fungo *Ascochyta rabiei* (vulgarmente conhecido como raiva) e algumas infestantes de folha larga – «porque ainda não temos muitas substâncias activas para o controlo de infestantes em pós-emergência de dicotiledónias». Ao nível das condições climatéricas, o técnico de campo da Agroinovação fala num cenário «favorável»: «A pressão dos fungos não foi muito alta, o que é bom. A cultura desenvolveu-se normalmente, excepto numa parte do ano em que houve chuva muito concentrada e tivemos algumas perdas por alagamento».

A Agroinovação estabeleceu um contrato de venda a três anos com duas indústrias nacionais, mas como estas só aceitam um calibre específico, este ano tiveram de escoar também para canais alternativos: indústrias de fora de Portugal, com as quais não têm contratos formalizados de entrega con-

tínua. Segundo Diogo Carvalho, o escoamento está a correr bem – porque «há falta de grão no mercado internacional» e porque «estamos a ter muita facilidade em vender» – e têm conseguido valorizar a produção.

«Existe procura, sem dúvida. Muita. O que às vezes não existe da nossa parte é oferta, porque ainda não conseguimos abastecer a totalidade das necessidades das duas indústrias com quem temos contratos. Isso é um sonho nosso», destaca o engenheiro agrónomo. A redução gradual de área pode, a prazo, comprometer este objectivo. «Estamos em fase de contratação de hectares para conseguir oferecer grão ao mercado. Estamos a ter bons *feedbacks* dos agricultores este ano porque ainda não chove e o grão é uma cultura que aguenta bem com pouca água. Portanto, temos bom *feedback* e os agricultores estão a aderir. Mas estamos sempre “dependentes” do que os agricultores querem ou não e, às vezes, podemos ficar um bocado comprometidos em termos de área.»

O técnico da Agroinovação põe ainda em relevo a importância das leguminosas, enquanto culturas temporárias, nas rotações culturais e a sua capacidade de fixar azoto no solo. Além disso, face ao contexto de preocupações ambientais e de aumento de custos dos factores de produção, frisa que o grão-de-bico é uma cultura com menos necessidade de fertilizantes e que, «em certos casos», dependendo das características do solo – a ser determinada por análises –, pode mesmo «dispensar» o uso de fertilizantes.

De acordo com Diogo Carvalho, o primeiro ano de produção da Viana como variedade certificada, ainda com uma área pequena, «correu bem», sendo que, por se tratar de uma fase de multiplicação, «não estamos ainda a olhar muito à produção». Para já, não há perspectiva de fazerem o mesmo trabalho com outra variedade, mas existe a intenção de juntar ao grão-de-bico uma ou mais leguminosas.

Se a área de produção é um desafio da empresa, também têm o misto de desafio/objectivo de lançar uma marca própria. «Outro dos desafios é entrar na transformação, porque sabemos que é aí que está grande parte da margem. No entanto, é preciso maquinaria, é preciso investimento e tem de ser passo a passo, porque são investimentos grandes», afirma o técnico de campo da Agroinovação.



### Casal Vouga alcança maiores produtividades em 2021

No fim de 2020, a Lusosem estabeleceu uma parceria com a empresa Egocultum para comercialização, distribuição e desenvolvimento da nova variedade portuguesa de grão-de-bico Casal Vouga, da qual detém a representação exclusiva em Portugal. A sementeira desta cultivar decorre de Novembro a Abril e a Lusosem disponibiliza a semente e assistência técnica aos agricultores interessados em produzir a variedade, sendo possível o escoamento da produção através da Egocultum, «que tem acordos estabelecidos com indústrias alimentares para venda do grão».

Esta cultivar resulta de um processo de selecção, realizado pela família Azoia – que produz grão-de-bico desde a década de 1980 –, com o objectivo de encontrar variedades mais resistentes e produtivas para esta cultura. A Lusosem relata que os agricultores podem adquirir a semente de Casal Vouga inoculada com *Rhizobium*, tricodermas e micorrizas (que potenciam o desenvolvimento do sistema radicular da planta), um tratamento que «potencia a produção e a sanidade da planta».

Já em 2020 e em 2021 foram cultivadas «algumas centenas de hectares» da variedade Casal Vouga no Ribatejo e no Alentejo, bem como uma pequena área em Castelo Branco. Para a edição de 2021 da Agroglobal, as duas empresas instalaram no recinto do certame, em Valada do Ribatejo, um campo demonstrativo de grão-de-bico com esta cultivar.

Quanto aos resultados obtidos em 2021, a Lusosem indica que «a produtividade do grão-de-bico Casal Vouga aumentou em relação à campanha de 2020, quando se atingiu um máximo de 2.700 kg/ha». José Azoia, responsável da Egocultum, realça que houve «dois casos com recordes de produção: 4.700 kg/ha (de grão limpo) no campo da Golegã e 3.000 kg/ha em Alpiarça», com a Lusosem a atribuir este resultado, em parte, ao aumento da densidade de sementeira (de 150 kg/ha para 180 kg/ha), mas sobretudo à variedade, aos agricultores e ao aconselhamento técnico prestado pelas duas empresas portuguesas.



› Colheita da variedade Casal Vouga

### NECESSIDADE DE IMPORTAR MATÉRIA-PRIMA

A Snood Foods, uma *start-up* portuguesa com sede no Porto, lançou em 2020 a marca “Bean’Go”, de *snacks* feitos com farinhas de leguminosas – feijão, ervilha e grão-de-bico –, tendo a grande distribuição como principais clientes. Com a pandemia, a grande distribuição cortou as encomendas de todos os produtos considerados não essenciais – o que foi o caso para a “Bean’Go” – e só em 2021 essa vertente se retomou. Entretanto, a empresa esteve praticamente parada, passou por um processo de reestruturação e está a relançar os seus produtos. Os *snacks* da “Bean’Go” estão agora disponíveis sobretudo em máquinas de  *vending*  e em lojas especializadas, numa aposta também fomentada pela sua inclusão na lista de produtos que, em Portugal, podem ser consumidos em escolas e hospitais. «Usufruindo dessa vantagem competitiva, estamos a conseguir entrar mais por essa via, com melhor sucesso a nível de *sell in* e *sell out*, do que propriamente nas grandes superfícies, onde o produto está no meio de muitos outros produtos similares, se calhar não tão saudáveis ou com perfis nutricionais diferentes e menos interessantes», refere Filipe Barbosa, da Snood Foods. A farinha provém de Itália, Espanha e França, porque «em Portugal não existe nenhuma empresa que tenha capacidade para fazer uma farinha com as características de que precisamos para conseguir transformar em produtos». As características principais são a gramagem da farinha, que tem de ser o mais fina possível, e estar isenta de glúten. Filipe Barbosa assegura que, «se houvesse um fornecedor nacional, com um preço competitivo, ou mais competitivo, optaríamos por isso», mas, «como não existem alternativas, temos de procurar lá fora». A exportação está nos planos da empresa, estando a ser efectuados contactos com distribuidores noutros países para encontrar quem represente e comercialize os produtos. Numa fase posterior, a Snood Foods pretende introduzir novas leguminosas no portefólio, com trabalhos em laboratório já em curso.

## BEAN'GO







› Variedade Elvar

### Duplicar a área semeada

Segundo a Lusosem, «a conta de cultura ronda os 650 a 700 euros por hectare (excluindo a renda da terra)» e «os agricultores podem beneficiar de um apoio suplementar através das medidas agroambientais, ao integrar o grão-de-bico numa rotação de culturas», ressaltando ainda que se trata de «uma cultura muito bem adaptada ao clima mediterrânico e ao sequeiro» e que quem já seja produtor de cereais «não neces-

sita de grande investimento em maquinaria agrícola». Filipa Setas, directora de Desenvolvimento, Marketing e Inovação da Lusosem, sublinha que «o grão-de-bico é uma cultura indicada para usar em rotações de sequeiro, podendo ser integrada numa sequência com cereais de pragana, ou em rotações de regadio, com milho ou arroz, por exemplo».

Para a responsável da Lusosem, o balanço da parceria com a Egocultum é bastante positivo. Declara também que estimam duplicar a área semeada com Casal Vouga nos próximos anos, que pretendem «crescer e dar passos com consistência», que a disponibilização desta variedade «é importante para o catálogo da Lusosem e para o mercado» e que a empresa está comprometida em lançar mais leguminosas para o mercado nacional.

A propósito desta cultura, José Azoia salienta que, «hoje em dia, os agricultores têm a percepção da importância de fazer rotação de culturas, mas em sequeiro não existem muitas alternativas e o grão-de-bico é uma alternativa rentável e ecológica, porque fixa azoto atmosférico, melhorando a fertilidade do solo». «As leguminosas, como o tremçoço e o grão-de-bico, vêm enriquecer o catálogo de semente certificada da Lusosem. A rotação de culturas, a dinamização e desenvolvimento de formas alternativas de aportar azoto ao solo são objectivos para os quais a cultura do grão-de-bico pode dar um importante contributo», comenta Filipa Setas. ●



## BATATA SEMENTE AS VARIEDADES MAIS VENDIDAS PELA STET

### MERCADO FRESCO BRANCAS & VERMELHAS



#### AMARIN

Precoce, com polpa branca, muito saborosa!



#### AVANTI

Muito precoce, com polpa firme, adequada para lavar e boa conservação.



#### BONNATA

Precoce, produtiva, multiusos (cozer e fritar), apta para conservação e lavar.



#### CAMEL

Precoce, saborosa, multiusos e com boa capacidade de conservação.



#### DESIREE

Variedade semi tardia. Referência no mercado. Boa qualidade e conservação.



#### ZINA RED

Muito precoce (temporã), muito produtiva, indicada especialmente para primor.

Outras variedades para mercado fresco: BELLINI, BRIANNA, CERATA, EL MUNDO, EVEREST, GAUDI, MELANTO, SAFARI, SPUNTA, TRIPLO, TYSON e VITALIA.

### FRITURA RODELAS



#### SH C 1010

Precoce, amarela, produção muito alta, matéria seca ideal para fritar, boas resistências.



#### VR 808

Semi precoce, polpa amarela, produção alta, padrão para fritura em rodelas.

Outras variedades para fritura em rodelas: LEVINATA e SH C 909.

### FRITURA PALITOS



#### AGRIA

Semi precoce, produção alta, amarela, para fritura e boa aptidão para conservação.



#### BRICATA

Precoce, muito produtiva, amarela, para fritura. Versátil.

Outras variedades para fritura em palitos: DONALD e LEONATA.

*potatoes are life.*

WWW.STET-POTATO.COM

Responsável da STET HOLLAND em Portugal:

Eng. Sérgio Margaço | Tel. (00351) 913 894 820 | Email: comercial@365agro.com | WWW.ADV-AGRI.COM